

## RESUMO

Apresenta-se a ascensão da organização do espaço, como o objeto de estudo dominante na geografia contemporânea, relacionada com o desenvolvimento dos estudos locacionais e regionais. Esta ascensão ocorreu, simultaneamente, ao advento e afirmação da Revolução Teórica e Quantitativa que a Geografia conheceu a partir dos anos cinquenta.

**PALAVRAS CHAVES:** Organização do espaço, Organização Espacial, Geografia Teórica Quantitativa, Geografia Aplicada, Nova Geografia, Geografia Locacional.

## THE ORGANIZATION OF SPACE AS OBJECT OF THE GEOGRAPHY

### ABSTRACT

*The ascension of the organization of space present it self, as the object of dominant study in the contemporary geography, connected with the development of the locational and regional studies. This ascencion occurred, simultaneously, with the advent and affirmation of the Theoretical and Quantitative Revolution that geography knew since the fifties years.*

**KEY-WORDS:** *Organization of space, Spacial Organization, Theoretical Quantitative Geography, Applied Geography, New Geography, Locational Geography.*

## INTRODUÇÃO

A conceituação de KNELLER<sup>39</sup>, p.27 sobre a ciência é que:

“( . . . ) a ciência é história no sentido de que é uma atividade, uma instituição e um corpo de conhecimentos que mudam no tempo em função da busca de uma completa explicação da ordem da natureza”.

Nesta perspectiva, a ciência, assim como a realidade, apresentam-se em perpétua transformação. A medida em que a realidade evolui, tornando-se mais rica, mais complexa, a ciência, como um reflexo desta, também evolui. A fim de compreender esta realidade cada vez mais complexa, a ciência em sua evolução desenvolve instrumentos e mecanismos que lhe possibilitam um conhecimento mais seguro sobre ela.

No sentido de que a ciência é vista “como um produto do pensamento humano, praticada por seres humanos, visando fins humanos” (ABLER, ADAMS e GOULD<sup>1</sup>, p.23), nada mais lógico que apresente uma permanente evolução num processo dialético entre o pensamento e a realidade.

\* Este trabalho foi publicado, pela primeira vez, na revista Geografia, vol. 15 número 1, de abril de 1990. Agora, sanado de problemas tipográficos e acrescido de um capítulo sobre o espaço agrário, é aqui reapresentado.

\*\* Docente do Departamento de Geografia, da Universidade Estadual de Maringá.

Com respeito a esta questão, ANDRADE<sup>2</sup>, p.11 assim se reportou: "O conhecimento científico é profundamente dinâmico e evolui sob a influência das transformações econômicas e de suas repercussões sobre a formulação do pensamento científico. Assim, o objeto e os objetivos de uma ciência são relativos, diversificando-se no espaço e no tempo, conforme a estruturação das formações econômicas e sociais".

À Geografia, como um dos ramos do conhecimento humano, não pode ser diferente. As dificuldades para se precisar com clareza seu domínio, seu objeto de estudo, são aquelas comuns às outras ciências.

Os geógrafos profissionais, ao procurarem contribuir para esclarecer a problemática referente ao objeto da Geografia, não têm escrúpulos em expressar as dificuldades encontradas.

CLAVAL<sup>18</sup>, p.100, 101, ao tratar desta questão, ficou abismado com a multiplicidade de orientações e concepções que encontrou. E, propositadamente, omitiu-se em apresentar uma definição própria, justificando-se pela inutilidade de tentar condensar uma realidade que se modifica constantemente.

MORAES<sup>43</sup>, p.13, no mesmo sentido, chama a atenção para a enorme polêmica que existe a nível do conhecimento científico acerca do campo e objeto da Geografia.

ANDRADE<sup>4</sup>, p.9, ao analisar o problema da delimitação do campo do conhecimento geográfico, também constatou as dificuldades existentes para se distinguir o que é realmente geográfico do que não é. Pois o dialeticamente geográfico e o não geográfico se interpenetram e se confundem. Sendo, portanto, difícil separar na análise dos fatos e das paisagens, o que pertence à Geografia ou às ciências afins.

Segundo CORRÊA<sup>21</sup>, p.51, "Na discussão sobre a natureza da geografia, a questão mais central, persistente e polêmica é a de seu objeto".

CHRISTOPOLETTI<sup>16</sup>, p.1, da mesma forma que Claval, ao tratar da questão sobre o objeto da Geografia, observou que:

"Quando se penetra na seara da literatura geográfica, o leitor defronta-se com diversidade de perspectivas e de proposições que visam esclarecer e elucidar o que se entende e qual o campo da Geografia. Ao se confrontar as diversas proposições pode-se observar nuances significativas que ocasionam polêmicas e divergências".

Prosseguindo, constatou que:

"(. . .) as muitas definições mostram objeto de caráter difuso, difícil de ser delimitado e operacionalizado em sua individualidade de ocorrência. Por essa razão, tornaram-se comuns as divergências e discrepâncias a se tentar considerar o lugar, a área, as regiões, as combinações de elementos ou as relações homem-meio ambiente, como categoria expressiva do conhecimento geográfico" (CHRISTOFOLETTI<sup>16</sup>, p.7).

Da contribuição dos autores considerados, constata-se que, no âmbito do conhecimento geográfico, as discussões acerca do seu domínio e, por conseguinte, do seu objeto, revelam uma evolução histórica. Esta característica dinâmica da Geografia foi muito bem constatada por ANDRADE<sup>4</sup>, p.20, observando que:

"(. . .) a Geografia como ciência tem tido uma evolução rápida e bem diversificada no tempo e no espaço, desde os fins do século passado, e tem sofrido alterações substanciais na forma de encarar ou de enfocar o seu método e o seu objeto".

Ademais, cabe considerar que diante da contínua transformação e evolução da realidade, tanto no plano material como intelectual, na Geografia Contemporânea, sobretudo a partir da metade do século atual, afirmou-se, progressivamente, como seu objeto de estudo a organização do espaço. Ou, de forma semelhante, na visão de ANDRADE<sup>3</sup>, p.14, ao considerar que:

“( . . . ) no momento histórico em que vivemos, de vez que as definições e os objetos das ciências não são imutáveis, sofrem transformações com as mudanças que se operam na sociedade, a geografia pode ser definida como a ‘ciência que estuda as relações entre a sociedade e a natureza’, ou melhor, a forma como a sociedade organiza o espaço terrestre, visando melhor explorar e dispor dos recursos da natureza”.

O estudo da organização do espaço, no contexto da Geografia Contemporânea, vem-se constituindo em objeto de constantes estudos, principalmente, após a Segunda Grande Guerra, muito embora, esta problemática já fosse uma realidade desde o final do século XIX.

A sua ascensão e valorização está estreitamente associada à crescente importância adquirida pelos estudos locais e regionais.

Objetivamente, a ascensão progressiva do estudo da organização do espaço, como ângulo de enfoque predominante na Geografia, ocorreu juntamente com o advento e afirmação da revolução teórica e quantitativa que esta ciência conheceu a partir dos anos cinquenta.

Assim, pretende-se apresentar como a organização do espaço consubstanciou-se no objeto de estudo dominante na Geografia Contemporânea nas últimas décadas, e não a evolução histórica do seu objeto.

Para tanto, tenciona-se discutir sua ascensão por dois caminhos: o dos estudos locais e os dos estudos regionais. Estes culminaram por interpenetrarem-se, devido a realização de trabalhos multidisciplinares, contribuindo para a valorização e afirmação da perspectiva locacional ou espacial na Geografia. Simultaneamente, à medida que aflorarem, as questões metodológicas também serão abordadas.

## A EVOLUÇÃO PELA PERSPECTIVA LOCACIONAL

Os estudos locais, segundo CORRÊA<sup>22</sup>, p.63, foram inicialmente objeto de preocupação por parte de cientistas estrangeiros à Geografia como Cantillon em 1755, Reynaud em 1836 e 1841, Lalane em 1836 e, por último, von Thünen em 1826 e 1863, este considerado o pai da Teoria Locacional.

Na primeira metade do século atual, quando lenta, mas gradativamente, os estudos locais começam a ganhar o campo da Geografia, destacaram-se entre outras as contribuições de WEBER<sup>54</sup>, em 1909, CHRISTALLER<sup>14</sup>, em 1933, DICKINSON<sup>25</sup>, em 1934, LOSCH<sup>41</sup>, em 1938, e<sup>42</sup>, 1954, ISARD<sup>35</sup>, em 1956, e,<sup>36</sup>, 1960. Já antes da 2ª Guerra Mundial, Christaller conseguiu explicar a regularidade da disposição das cidades e sua organização espacial em ramificações hierarquizadas, desenvolvendo a Teoria dos Lugares Centrais, provando que o princípio da ordem espacial é, em grande parte, o resultado dos fenômenos econômicos e sociais (CLAVAL<sup>20</sup>, p.9, 10). Estava, portanto, formado o alicerce do estudo locacional na Geografia. A partir de meados dos anos sessentas, emergiu como seu mais importante paradigma (CORREA<sup>22</sup>, p.65). Segundo este, a tese de William Bunge “Theoretical Geography” assinalou o triunfo do enfoque locacional na Geografia.

No corpo evolutivo do conhecimento geográfico, o desenvolvimento da corrente locacional recebeu a designação de tradição "Espacial" (PATTISON<sup>45</sup>, p. 32) ou "Geométrica" (SENDRA<sup>49</sup>, p.49).

Na perspectiva deste último, a temática da Geografia Teorética Quantitati-

va "(. . .) se situaria na problemática Geométrica, a mesma que inspirava a escola geográfica dominante nos U.S.A. até esse momento, estruturada teoricamente por Hartshorne em 1939, e que era uma variante da geografia regional de inspiração francesa". (SENDRA<sup>49</sup>, p. 51)

Prosseguindo, neste aspecto não vê ruptura de continuidade entre esta Geografia e a já existente, senão no campo metodológico, com Schaefer defendendo uma investigação nomotética, em oposição à idiográfica utilizada pela Geografia regional.

Para SCHAEFER<sup>48</sup>, p.11, 12:

"(. . .) na geografia as mais importantes variáveis produtoras de padrões são, naturalmente, as variáveis espaciais... A geografia deveria dedicar mais atenção à distribuição espacial dos fenômenos em determinadas áreas do que os fenômenos em si. As relações espaciais, e nenhuma outra, são as que importam em geografia. As relações não espaciais encontradas entre os fenômenos de uma área são temas para outros especialistas".

Temos, portanto, uma radical mudança de enfoque metodológico. Enquanto Vidal abandonava a generalização (CLAVAL<sup>19</sup>, p.76) e Hartshorne a restringia (CLAVAL<sup>18</sup>, p.102), Schaefer propunha o retorno à procura de leis gerais.

A afirmação dos estudos locacionais ou espaciais, na Geografia Contemporânea, sobremaneira, a partir de 1950, não deixa de ser o reflexo das intensas transformações da realidade, assim como da crise pela qual passou a Geografia. Esta encontrava-se deficientemente equipada no seu arsenal teórico, metodológico e instrumental, para responder às questões colocadas pela nova realidade. Daí, a substancial transformação por qual passou, a ponto de receber, conforme assinala CHRISTOFOLETTI<sup>15</sup>, p.16, a designação de Revolução Quantitativa e Teorética por Burton em 1963 e de Nova Geografia por Manley em 1966.

A respeito, BALLESTEROS<sup>6</sup>, p.X, assinala que:

"(. . .) a consolidação de uma escola de análise espacial e locacional, que elabora sobretudo modelos de localização de atividade econômica, é um fato em curso dos anos cinquenta e sessenta".

No mesmo sentido, CORRÊA<sup>22</sup>, p.65, considera que a tese de Willian Bunge - "Theoretical Geography" -, como o final de uma fase polêmica e triunfo do enfoque locacional na Geografia. "A década de sessenta seria marcada por este enfoque".

Berry<sup>1</sup> (apud GERARDI E SILVA<sup>28</sup>, p.3) define que o ponto de vista geográfico é espacial...

"Os conceitos e processos integrantes do geógrafo relacionam-se com as disposições e distribuições, com a integração espacial, com as interações e organizações espaciais e com os processos espaciais. ...Os conceitos e processos integrantes da geografia concernem ao ecossistema de âmbito mundial do qual o homem é a parte dominante".

Assistimos, assim, a uma redefinição do próprio objeto da Geografia, tendo como escopo o espaço sob o ângulo da sua organização. Sobre isto, SANTOS<sup>46</sup>, p.50,

1. BERRY, B.J.L. Abordagens à análise regional: uma síntese. In: \_\_\_\_\_ e BAKER, A.M. Análise espacial. Rio de Janeiro, I.P.G.H., 1969, p. 18-34. (Textos Básicos, 3).

assim se pronunciou: "A geografia teórica ou teorética atribui-se um novo paradigma, o estudo locacional e se envaidece de utilizar novas abordagens teóricas".

Com respeito à preocupação do estudo locacional, CORRÊA<sup>22</sup>, p.62, observa que:

"Por estudo locacional - muitas vezes dominado de estudo sobre a organização espacial - entende-se a procura de resposta para uma questão central: por que o homem e suas atividades estão localizados do modo como estão? Esta questão pode ser desdobrada em outras, a saber: Existem regularidades na localização do homem e de suas atividades? Que interações existem entre as diferentes localizações? Que processos afetam a localização e a interação do homem e de suas atividades? E, ainda, qual a organização espacial resultante da localização do homem e de suas atividades e das interações entre essas localizações?"

O objeto da Geografia, portanto, se modifica e, segundo BETTANINI<sup>10</sup>, p.12, não deve ser mais o ambiente físico, o acondicionamento e o determinismo natural. Mas sim:

"(. . .) o estudo das relações espaciais e da distribuição no interior do seu espaço - geográfico -, mas considerando que a organização e a estruturação desse espaço pertence ao homem".

Com referência a redefinição do objeto da Geografia - de estudo das relações homem-meio na superfície da terra, para o estudo da organização do espaço -, George acredita que ocorre da consciência advinda de problemas práticos enfrentados pelas sociedades atuais, no que diz respeito à disposição territorial de suas atividades e de seus membros (GEORGE<sup>29</sup>, p. 38).

O enfoque locacional abriu espaço para emergirem duas diretrizes metodológicas de investigar a realidade espacial: uma dirigida para o estudo das organizações espaciais e a outra para o estudo da organização do espaço.

## A EVOLUÇÃO PELA PERSPECTIVA REGIONAL

O desenvolvimento dos estudos locacionais, por outro caminho, pela evolução dos estudos regionais, está, intimamente, associado ao próprio desenvolvimento do conhecimento geográfico.

Na Antiguidade Clássica, entre os gregos, foi Heródoto - considerado o criador da Geografia -, o iniciador dos estudos regionais. Elaborou preciosas monografias sobre as nações mediterrâneas, analisando os acontecimentos históricos sobre a paisagem geográfica (AZEVEDO<sup>5</sup>, p.103). Entre os romanos foi Estrabão quem descreveu a geografia das províncias do Império Romano, sob o ângulo regional do caráter dos lugares (PATTISON<sup>45</sup>, p.135).

De Heródoto até a metade do século XIX, a Geografia revestiu-se de um caráter utilitário e o geógrafo num:

"(. . .) homem de ação, cujo trabalho se orienta para conhecer o território, para organizá-lo e controlá-lo melhor. A geografia não só contribuiu para o descobrimento da terra, senão também para sua organização". (VINUESA<sup>52</sup>, p.214).

Muito tempo se passou até a época da formação da Geografia Científica - meados do século XIX -, para que um dos seus formadores - Ritter - abrisse caminho

para os estudos regionais através do estudo da unidade das áreas. Tinha por meta compreender como uma multiplicidade de fenômenos heterogêneos combinava-se para dar unidade, coerência a uma área.

A seguir, essa preocupação é retomada por Hettner durante os últimos anos do século XIX e primeiros do XX, contribuindo, em certa medida, para o desenvolvimento dos estudos regionais.

No entanto, é a partir da década de vinte, do século atual, no contexto da Geografia Anglosaxônica, em especial, na Norte-Americana, que o desenvolvimento do estudo das áreas contribuiu para impulsionar os estudos regionais, sobretudo, devido ao trabalho de Hartshorne, retomando os estudos de Hettner.

Foi, justamente neste contexto, que a questão epistemológica entre Hartshorne - perspectiva idiográfica -, e Schaefer - perspectiva nomotética, funcionou como um "gatilho" para detonar o advento da "Nova Geografia". É a partir desta questão acadêmica e dos escritos de Ullman que a visão espacial começa a se firmar, consolidando-se na década de sessenta com as publicações de Berry e de Harvey (TAAFFE<sup>50</sup>, p.6,7).

Simultaneamente, foi na França, com La Blache que os estudos regionais adquiriram um expressivo desenvolvimento. Abandonando a generalização, isto é, a busca de leis gerais na Geografia Humana; La Blache e seus seguidores voltam-se para o estudo das regiões, preocupados em fixar sua tipologia (MORAES<sup>43</sup>, p.75). Este direcionamento dos geógrafos franceses para com a questão do estudo das regiões foi tão envolvente, a ponto de que a região - como unidade geográfica objetiva - ser alçada ao nível de objeto da Geografia. Ademais, a Geografia Francesa passou a ser historicamente conhecida como de tradição regional.

Na perspectiva global de WHITTLESEY<sup>55</sup>, p.11, destaca-se que:

"(. . .) as origens do estudo regional provém de várias fontes. Comentários sobre as regiões, publicadas por geógrafos e outros, originaram-se de grandes discussões orais, principalmente a partir da 1ª Guerra Mundial. Os estudos regionais de áreas individuais surgiram e mantiveram ininterrupta a sua tradição desde o renascimento. O século XX apresentou inúmeros exemplos na Alemanha e outros países europeus e, na França, quase toda a geografia é regional. Nos Estados Unidos a geografia regional esteve em grande voga a partir de 1920, apoiada por novas técnicas. Certamente trata-se de um interesse perene e irrefutável".

A realização de inúmeros trabalhos multidisciplinares acerca de questões locacionais, envolvendo os mais variados profissionais, notadamente, economistas, administradores, sociólogos, geógrafos, geólogos, arquitetos, engenheiros, etc., aconteceu no período entre as duas Grandes Guerras, bem como, logo após, decorrente em parte da necessidade do planejamento espacial. Contribuíram para fundir e sedimentar, através do intercâmbio de experiências, o capital técnico, metodológico, pacientemente construído na Geografia pelos estudos regionais, e fora desta pelos estudos locacionais.

Este aspecto foi muito bem sentido por WHITTLESEY<sup>55</sup>, p.34, destacando que:

"(. . .) desde a última grande guerra, um número apreciável de programas concernentes às áreas foi introduzido nas Universidades Americanas. Os programas diferem no tocante à ênfase dada à pesquisa versus o treinamento, e as turmas raramente incluem representantes de todas as disciplinas

que deveriam fazer contribuições. Como o espírito cooperativista do esforço de guerra dissipou-se, as várias disciplinas voltaram as suas trilhas a parte. Tendo isto acontecido, a aproximação conjunta nos estudos de área encontraram-se com tendência a acentuar um outro aspecto da região, provavelmente aquele em que é técnico o diretor do programa. A necessidade da procura organizada de normas mais eficazes a esses programas continua urgente. Os objetivos práticos não são os mesmos do tempo da guerra, mas são urgentes. O planejamento regional é provavelmente o mais exigente e promissor de todos”.

No mesmo sentido, BROEK<sup>12</sup>, p.18, observou que:

“( . . . ) um número cada vez maior de geógrafos trabalham nas repartições de planejamento do governo, desde o nível municipal até o nacional, ou em firmas particulares que funcionam como entidades consultivas. A análise dos padrões espaciais de população, das atividades econômicas, da utilização da terra e das forças econômicas subjacentes é o requisito preliminar para o planejamento de um ambiente melhor”.

Sob esta conjuntura é que muitos trabalhos, tanto em conjunto como paralelos, notadamente de geógrafos e economistas, vêm acontecendo desde 1940. Os primeiros utilizam, cada vez mais, métodos subtraídos da economia política; enquanto que os segundos concedem demasiada importância ao estudo do espaço e das distribuições econômicas (CLAVAL<sup>19</sup>, p.188).

À medida que os estudos regionais progrediam, os geógrafos e outros especialistas interessados na questão regional, no intuito de compreender o jogo que preside as combinações, as relações, as interações, as conexões entre os elementos capazes de definir um quadro regional, ou de explicar a unidade de uma área, ou ainda, de explicar a fisiologia de uma paisagem, contribuíram para desenvolver um acervo teórico, metodológico e instrumental, significativamente útil aos estudos da organização do espaço e da organização espacial. Para ambas objetivações as combinações, as relações, as interações, as conexões são importantes à compreensão da realidade espacial.

## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO COMO OBJETO DA GEOGRAFIA

Assim, o estudo locacional consolida-se na Geografia como seu principal objeto de preocupação, com duas objetivações metodológicas. Uma designada por organização do espaço e a outra, por organização espacial.

A questão semântica é definida por CHRISTOFOLETTI<sup>16</sup>, p.15:

“A Organização espacial indica a existência de uma unidade resultante, de um produto terminal, possível de ser delimitado na superfície terrestre. A Organização do espaço refere-se a dinâmica e aos processos que promovem a organização do espaço, denunciando mecanismos geradores para atingir um produto. Obviamente, o estudo da organização espacial automaticamente inclui a análise dos processos e mecanismos responsáveis pela organização do espaço”.

A contribuição de CHRISTOPOLETTI<sup>17</sup>, p.120, é fundamental para o esclarecimento da questão. Segundo ele:

“Se a organização espacial é unidade integrada, ela é composta por diversos elementos que se expressam na estrutura espacial, que se interagem pelos fluxos de matéria e energia. Considerando a focalização da teoria dos siste-

mas, no primeiro escalão hierárquico pode-se distinguir os geossistemas (organizações espaciais oriundas dos processos do meio ambiente físico) e os sistemas sócio-econômicos (organizações espaciais oriundas dos processos ligados com as atividades humanas). Utilizando o tradicional vocabulário designativo, o primeiro corresponde ao campo da Geografia Física, enquanto o segundo corresponde ao da Geografia Humana”.

A organização do espaço envolve o estudo das relações, das combinações, das interações, das conexões, das localizações que se processam de forma dinâmica no quadro de uma unidade espacial, entre os diversos elementos que a constituem, bem como, as que se verificam entre as unidades espaciais.

No entanto, CORRÊA<sup>21</sup>, p.53, 54, esclarece que a expressão organização espacial possui a seu ver vários sinônimos - estrutura territorial, configuração espacial, arranjo espacial, espaço social, espaço socialmente produzido ou, simplesmente espaço. Para ele o objeto da Geografia é a sociedade, e que a Geografia viabiliza o seu estudo pela sua organização espacial.

Ao contrário de Christofolletti, sua proposição é parcial e limitada. Parcial porque é clara apenas quanto ao que envolve o estudo da organização espacial, não esclarecendo quanto ao que compete abordar no estudo da organização do espaço. Limitada e estreita na medida que elege, como objeto da Geografia unicamente, o estudo da organização espacial como resultado da ação do homem, excluindo, assim, do campo da investigação geográfica todo o conteúdo da Geografia Física. Ademais, revela-se metodologicamente restritiva ao conceituar a organização espacial como uma segunda natureza, resultado do modo de produção, vinculando sua gênese a uma única corrente de pensamento - neomarxismo.

A proposição de Christofolletti revela-se cristalina, aberta e ampla. Cristalina porque procura esclarecer o que compete ao estudo da organização do espaço e ao estudo da organização espacial, evitando-se a confusão entre estas expressões. Aberta e ampla porque abrange todo o campo da Geografia e define no corpo da organização espacial o que concerne ao domínio da Geografia Física e da Geografia Humana. Além disso, sua conceituação, não obstante, embasada na teoria dos sistemas, não é restritiva, pois não se apresenta vinculada a uma única corrente do pensamento quanto à gênese da organização espacial.

A ascensão e valorização da expressão organização do espaço, segundo GEORGE<sup>29</sup>, p. 37:

“( . . . ) foi introduzida no vocabulário dos geógrafos, economistas, administradores no decorrer dos últimos 20 anos. Corresponde mais a uma tomada de consciência e a uma mutação estrutural - ao mesmo tempo que dimensional - que a uma realidade inteiramente nova. Objetivamente o homem organiza o espaço no qual vive, desde que conseguiu libertar-se de uma dominação sem limites das forças naturais”.

Com esta afirmação George constata que os problemas referentes à organização do espaço são antigos e que emergiram como reflexos das mudanças da realidade na sociedade contemporânea, quer em complexidade quer em dimensão. Prosseguindo, ressalta que:

“( . . . ) o termo organização do espaço não ocupou seu lugar entre os vocábulos da geografia - e mais particularmente da “Geografia Aplicada” ou da “Geografia Ativa” - senão em função de circunstâncias que, desempenham o papel de sinal de alarma, a propósito das relações entre o povoamento ou a

ocupação do solo e a boa utilização e conservação deste espaço. Surge no momento em que se impõe a necessidade de um planejamento "voluntário", sistemático, do espaço e onde a responsabilidade das operações essenciais passa do nível de utilização privada com a finalidade individual para o de governo". (GEORGE<sup>29</sup>, p.37).

"(. . .) os termos arrumação ou organização do espaço são modernos e designam os atuais empreendimentos destinados a modelar o espaço herdado para neles se introduzirem as estruturas técnicas, jurídicas e administrativas que derivam de um espírito de sistematização da sua utilização". (GEORGE<sup>30</sup>, p.5).

George amplia a expressão organização do espaço para um conjunto de aspectos que caberia à Geografia como ciência investigar. Isto é, avaliar o resultado daquilo que geógrafos, economistas, administradores, planejadores, etc., que como técnicos, através do planejamento da organização do território, provocam no espaço geográfico.

De forma semelhante, DERRUAU<sup>24</sup>, p.279, considera que:

"(. . .) a organização do espaço ou se preferir, o controle da evolução das paisagens rurais e urbana, é uma das grandes preocupações de nossa época". Da mesma forma, LABASSE<sup>40</sup>, p.13, destaca que:

"(. . .) o debate acerca da organização do espaço se amplia dia a dia, tanto nos meios políticos como na opinião pública. Chega a ocorrer ocasiões em que não se sabe já do que se fala - desenvolvimento econômico, urbanismo, salvaguarda do patrimônio cultural, ou propriamente ordenação do território - nem a maneira como convém discuti-lo. Na medida em que este debate afeta verdadeiramente a utilização reflexiva do solo e de seus recursos, o geógrafo deve dar sua opinião".

No conjunto, constata-se que tanto em GEORGE<sup>30</sup>, p.7, como em DERRUAU<sup>24</sup>, p.279, como em LABASSE<sup>40</sup>, p.13, a organização do espaço constitui-se numa preocupação moderna, e sugerem-na como uma ação voluntária, consciente, dirigida através do planejamento.

Este movimento de renovação da Geografia foi muito bem percebido por CLAVAL<sup>19</sup>, p.228, constatando que:

"(. . .) uma nova forma de geografia humana tende a se desenvolver desde há sobretudo uma vintena de anos. Esta geografia insiste com maior empenho na análise das interações espaciais que na reconstrução de equilíbrios locais, prestando que dita reconstrução chegaria a esterilizá-la, já que os equilíbrios são contingentes quando interferem fatos humanos e circunstâncias físicas, porém considera em troca que é possível a consecução de um conhecimento geral dos fatos puramente sociais. Este conceito de geografia lhe restitui sua plenitude de ciência do espaço, que a atitude dos deterministas havia deixado bastante no esquecimento, porém que correspondia já ao critério científico de Humboldt".

Temos, desse modo, a definição da organização do espaço como objeto primordial da análise geográfica, como também, a direção do movimento à procura de leis gerais. Concretamente, as leis gerais são necessárias à compreensão da realidade, porque nem tudo pode ser circunstancial e local. Constituem-se em instrumentos do pensamento para se abordar e conhecer a realidade concreta em toda sua complexidade

- síntese de múltiplas determinações, necessárias e casuais, tendo o casual sempre causas (MORO<sup>44</sup>, p.9).

Entretanto, nota-se que a concepção da organização do espaço como objeto dominante da investigação geográfica não define com a devida precisão sua forma concreta, material, objetiva. Fala-se mais de estruturas, padrões, processos, relações, conexões, interações espaciais. A bem da verdade, historicamente, sobremaneira, a partir do advento do positivismo, tem-se dificuldade em se precisar o objeto da Geografia.

Objetivamente seu conteúdo assenta-se na superfície terrestre ou no espaço terrestre - na concepção de território -, constituindo-se de fenômenos, fatos, acontecimentos revestidos de uma expressão espacial e, portanto, objetivados pela sua dimensão espacial ou, como se quer, geográfica, envolvendo suas interações, relações, combinações e conexões, capazes de criar ou dar origem a uma organização espacial ou a um processo de organização do espaço.

Numa perspectiva, livre dos cânones positivistas, concebe-se a Geografia como um método, uma forma, um ângulo de considerar "as coisas, os seres, os fenômenos em suas relações com a terra: localização, extensão, variações locais e regionais de frequência ou de intensidade" (BAULIG<sup>5</sup>, p.303). A Geografia, assim posta, apresenta-se como um conjunto de sínteses múltiplas, um ponto de vista (DRESCH<sup>27</sup>, p.9). Qual seria este ponto de vista? Necessariamente o espacial ou seja a dimensão espacial dos "seres" na superfície da terra (BERRY<sup>9</sup>, p.19).

"A questão geográfica é 'porque a distribuição espacial está estruturada dessa maneira?' Essa questão - com suas implicações e elaborações - é o fundamento de nossa ciência". (ABLER, ADAMS e GOULD<sup>1</sup>, p.56).

Nessa concepção, diante da dificuldade de se estudar a totalidade social, e porque não acrescentar global, em toda sua abrangência, verifica-se uma divisão do saber, originando diversos ramos do conhecimento (CORREA<sup>21</sup>, p.52).

As ciências, portanto, seriam métodos, pontos de vistas diferentes de se objetivar a realidade. Assim, cada disciplina, em particular, preocupar-se-ia com determinada dimensão da realidade. Na concepção de Cole e King<sup>2</sup> (apud GERARDI e SILVA<sup>28</sup>, p.3), "a possibilidade de uma ciência existir é determinada não pelo o que mas pelo como, não pelo assunto mas pelo método". Assim, o mesmo fenômeno é estudado por diferentes ciências, mas seus particulares pontos-de-vida levam-nas a defini-los de modo diferente (ABLER, ADAMS e GOULD<sup>1</sup>, p.55).

HARTSHORNE<sup>34</sup>, sobre a mesma questão, admite que as ciências se definem por métodos próprios de investigação da realidade. A Geografia, portanto, seria um método, um ponto de vista de considerar os objetos no espaço - as inter-relações entre fenômenos heterogêneos, apresentados numa visão sintética.

Dentro desta conceituação o espaço natural, no sentido territorial da superfície da terra, desde a sua conformação, encontra-se povoado de conteúdos com dimensão espacial, isto é, geográfica, além de outros que combinados constituem a realidade. Portanto, não há razão para radicalismos, a ponto de se rejeitar a importância do estudo dos aspectos físicos na Geografia. Por que abandonar o patrimônio científico tão pacientemente construído na Geomorfologia, na Climatologia, na Biogeografia e outros campos da Geografia Física? Não tinha Humboldt por meta, à época de criação da Geografia Científica, apreender a unidade da natureza? Mesmo quando se fala em espaço produzido socialmente, pode-se rejeitar por inteiro, a presença do físico, do natural? Obviamente que não. Rotular a Geografia como uma ciência física ou social

2. COLE, J.P. e KING, C.A.M. *Quantitative Geography*. London, John Wiley, 1968.

ou humana é uma falsa questão, não é o primordial. O que é importante, significativo, capital é que ela é uma ciência. E, como tal, socialmente útil e necessária, capaz de contribuir para um melhor conhecimento da realidade nos aspectos que lhe dizem respeito.

A consolidação da organização do espaço como objeto da análise geográfica, não implica na rejeição das demais objetivações da investigação geográfica da superfície da terra, como a interação homem-meio, a paisagem, a região, a área, o espaço, consagradas ao longo da evolução do pensamento geográfico. Essas, nada mais são do que ângulos de enfoques diversos e as vezes semelhantes da dimensão espacial da realidade.

Da mesma forma, modernamente, em especial durante as duas últimas décadas, a objetivação da realidade geográfica, sob o ângulo da sua organização, vem sendo enriquecida metodologicamente pelo enfoque sistêmico, modelístico, comportamental, idealista, têmporo-espacial, crítico ou radical. Certamente, novas perspectivas de objetivação serão criadas à medida que a ciência progride.

Esta pluralidade metodológica, constatada por DENIS<sup>23</sup>, p.6, aconteceu no corpo do próprio processo de desenvolvimento da "Nova Geografia".

"A partir de 1970-72, se esboça uma nova reação contra a nova geografia na qual alguns reprovam reduzir o homem a modelos econômicos e sociais. Esta crítica 'post-comportamento' se cristaliza essencialmente ao redor de três correntes de pensamento. A primeira, a corrente fenomenológica, preconiza uma volta aos valores subjetivos baseados sobre a significação e a percepção do espaço. A segunda, ou seja a corrente radical, há desviado desde 1973 até uma crítica marxista e fez resultar que a geografia está buscando sua inspiração nas ciências sociais, comprometidas com o capitalismo. Todavia, a terceira se refere a aproximação econômica e se encontra em continuidade com a geografia tradicional".

Na visão de ANDRADE<sup>4</sup>, p.21, dessa forma, a Geografia apresenta-se como "(...) uma ciência profundamente dinâmica que necessita de uma permanente reformulação de seus objetivos e de seus métodos".

Não é sem razão que CLAVAL<sup>18</sup>, p.105, diante das transformações acentuadamente rápidas da realidade, da pluralidade de concepções, sentiu dificuldade em definir com clareza a Geografia. Após uma vigorosa análise das definições mais usuais dessa disciplina, conclui que a mais abrangente é a proposta por B. J. Luc Piveteau - A Geografia é um ponto de vista, uma forma de considerar toda coisa do espaço terrestre sob o ângulo da distribuição, e tem um domínio próprio que é o espaço terrestre -, que lhe dá um campo de ação e define o seu projeto.

Esta proposição dá à Geografia uma ampla autonomia, à medida que lhe abre um vasto campo de investigação - o espaço terrestre.

A expressão organização do espaço, por outro lado, só adquire sentido quando expressa o resultado da ação do homem organizando o espaço (CHOLLEY<sup>13</sup>, p.30). Na sua concepção, para se caracterizar as regiões geográficas, além dos atributos do meio físico, deve-se considerar, sobretudo, a organização do espaço feita pelo homem.

Posição semelhante encontra-se no pensamento de DOLLFUS<sup>26</sup>, p.8, ao observar que o espaço geográfico:

"(...) surge como o esteio de um sistema de relações, algumas determinadas a partir do meio físico e outras provenientes das sociedades humanas, res-

ponsáveis pela organização do espaço em função da densidade demográfica, da organização social e econômica, do nível das técnicas; numa palavra: de toda essa tessitura pejada de densidade histórica a que damos o nome de civilização”.

Considerado do ponto de vista de sua evolução histórica, ANDRADE<sup>4</sup>, p. 35, argumenta sobre a necessidade de:

“( . . . ) refletir levando em conta que o espaço nunca está organizado de forma definitiva, que ele não é estático, ao contrário, é profundamente dinâmico e vai se modificando dialeticamente de forma permanente”.

O espaço, assim considerado, está em perpétua transformação. E, segundo SANTOS<sup>47</sup>, p. 95:

“( . . . ) o que hoje aparece como resultado é também um processo, um resultado hoje é também um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação... Toda situação é, do ponto de vista estático, um resultado, e do ponto de vista dinâmico, um processo”.

É nesta feliz conceituação de Santos que a organização do espaço deve ser pensada.

Na ação do homem organizando o espaço, o espaço natural conhece um processo de humanização. Por conseguinte, neste processo “não há uma separação do homem e da natureza. A natureza se socializa e o homem se naturaliza” (SANTOS<sup>47</sup>, p.89).

O processo assim concebido é dialético. Como compreendê-lo em toda sua dimensão? Na concepção de GUGLIELMO<sup>32</sup>, p.37:

“Para compreender de maneira justa o papel do meio-natural na vida dos grupos sociais, é preciso ter um conhecimento prévio e exato dos fatores que determinam a ação do homem sobre a natureza, fatores que procedem da geografia humana. Inversamente, para compreender com justeza a influência do homem sobre o meio-natural, é preciso um conhecimento prévio de todos os fatores independentes do homem na evolução desse meio físico”.

Com efeito, para se conseguir a compreensão da organização do espaço através de sua objetivação geográfica, GEORGE<sup>31</sup>, p.16, assim se expressou:

“A geografia como ciência do espaço é chamada a fazer balanços do que representa globalmente este espaço para os homens que aí vivem. Não pode consegui-lo, senão partindo da análise de todas as peças e de todos os processos que constituem este espaço em seu dinamismo”.

Face ao exposto, constata-se que não deve haver uma discriminação quanto à investigação do papel dos fatores físicos e humanos na elaboração da organização espacial. Todos os elementos, todas as peças devem ser objeto de preocupação, na medida em que contribuem para uma ordem espacial. Daí, por que Geografia Física, Geografia Humana, Geografia Regional e não simplesmente Geografia? Se na realidade concreta, objetiva, os fatos apresentam-se indissociáveis, integrados, inseparáveis.

No entanto, é oportuno salientar que o estudo da organização do espaço não se constitui em tema de investigação particular e exclusivo do geógrafo (LABASSE<sup>40</sup>, p.17). Notadamente, das disciplinas sociais, técnicas, naturais, procedem os interessados numa obra de ordenação territorial. Não obstante, conforme observa

LABASSE<sup>40</sup>, p.17, para Prothin organizar o espaço implica "(. . .) uma disciplina do espírito resistente ao enquadramento administrativo e a especialização técnica". Essa disciplina:

"(. . .) é por norma geral a geografia, que constitui por si mesma uma incitação ao trabalho comum, na medida em que revela que a personalidade das regiões é mais uma obra do homem do que da natureza". (LABASSE<sup>40</sup>, p.17).

Empenhado numa obra de investigação regional, sobre uma porção do espaço terrestre, no esforço de qualificá-lo, delimitá-lo, enfim, compreendê-lo em toda sua dinâmica espacial, o geógrafo revela-se ativo, tecnicamente indispensável, socialmente útil, assumindo com o máximo de plenitude e de fidelidade a vocação fundamental da ciência (KAYSER<sup>38</sup>, p.279).

"A compreensão e a manipulação do espaço e da distribuição espacial será a contribuição do geógrafo para o desenvolvimento humano". (ABLER, ADAMS e GOULD<sup>1</sup>, p.21).

No plano teórico, a questão da organização do espaço, quanto sua transformação, é enfocada, pelo meonos, sob duas perspectivas. A primeira considera a organização do espaço no sentido estrito, isto é, a ação do homem organizando o espaço em que vive, com o intuito de crescer, desenvolver-se e reproduzir-se socialmente, numa forma dialética entre a sociedade e a natureza. O homem é o principal agente no processo de organização - corrente historicista. A segunda considera a organização do espaço como uma "produção". O processo de sua organização dar-se-ia como resultado do modo de produção. Constrói-se, historicamente, uma segunda natureza. Notadamente, a partir de Lefebvre propõe-se apreender o espaço sob a ótica do conceito de produção do espaço - corrente neomarxista (GUIGOU<sup>35</sup>, p. 108).

Nesta perspectiva, para CORRÊA<sup>21</sup>, p.52), a Geografia representa um modo particular de se estudar a sociedade. Seu objeto é a sociedade. Sua objetivação "pela geografia faz-se através de sua organização espacial, as outras ciências sociais estudam-na através de outras objetivações".

Semelhante posição encontra-se nos trabalhos de Andrade:

"Hoje ela não é mais a ciência que estuda e descreve a superfície da terra, mas a ciência que analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, indicando as causas que deram origem a formas resultantes de relações entre a sociedade e a natureza. É claro que o homem, individualmente, não tem influência na formação do espaço e na utilização do território, mas a sociedade, dispondo cada vez mais de capital e tecnologia, modifica o espaço natural, o meio natural, criando o espaço próprio que lhe interessa". (ANDRADE<sup>4</sup>, p.20).

"(. . .) podemos afirmar que o seu objeto de estudo é o espaço geográfico e que este não se confunde com o espaço natural. Isto porque o espaço geográfico é o produto da ação do homem, transformando o espaço natural e modificando a própria natureza". (ANDRADE<sup>2</sup>, p.21).

"Cabe à Geografia estudar as formas que o espaço apresenta, explicar a origem e a formação destas formas e indicar as direções que as transformações futuras podem tomar. Isto porque o espaço nunca está completamente produzido, nunca termina o seu processo de produção; antes de alcançar a meta desejada há, com a evolução, uma mudança de aspirações e uma reformulação, uma reorganização". (ANDRADE<sup>4</sup>, p.21).

Na verdade hoje, o espaço organizado é, em grande parte, resultado da ação do homem, humanizando-o. É mais artificial do que natural. Mas, será válido admitir, no todo, que o natural, hoje presente com o grau de modificação nele contido, é efetivamente produzido pela ação humana, um produto social? Ora, sob certo aspecto, é uma conceituação difícil de ser aceita, de prosperar e deve ser muito bem avaliada. Porque, na realidade, o que ocorre é a construção ou produção de formas de organização, e não do espaço em si, quanto à estrutura de seus componentes naturais orgânicos e inorgânicos em suas múltiplas conexões e interações.

Sobre esta questão, Lacoust<sup>3</sup> (apud CHRISTOFOLETTI<sup>16</sup>, p.11), adverte que não se pode produzir o espaço, mas somente formas de sua organização, recusando-se a considerar o espaço geográfico como sendo somente um produto social.

A eclosão da organização do espaço, como paradigma dominante na Geografia, revela o impacto da realidade sobre esta ciência. Assim, a "Geografia Aplicada" ou "Voluntária" nasce dos novos desafios colocados pela realidade, implicando em substanciais modificações no conteúdo dessa ciência (CLAVAL<sup>19</sup>, p.143, 144).

A Geografia Aplicada aparece, estreitamente, associada às necessidades de se pensar a ordenação territorial de forma mais racional, em função do complexo e acelerado desenvolvimento da sociedade. Novas urgências, novos desafios, em escalas cada vez mais complicadas, apresentam-se.

A esse respeito, quanto ao espaço herdado, diz BASSAND<sup>7</sup>, p.138: "A organização do espaço de uma sociedade numa determinada época nunca é perfeitamente simétrica em relação à estrutura social correspondente à essa época". E, na opinião de CLAVAL<sup>19</sup>, p.114: "Os acondicionamentos do espaço que a geografia humana coloca em relevo se realizaram, até data bem recente, de modo inconsciente, em geral anárquico e sem previsão.

A Geografia, a cada dia, afirma-se como uma ciência voltada para a ação, portanto ativa, indispensável ao planejamento regional. Certamente, aí encontra-se uma das razões da sua ascensão.

Os mais variados temas são objeto de preocupação dos estudiosos da organização do espaço, decorrentes da sociedade moderna. Cada vez mais os problemas da utilização do espaço se impõem. A esse respeito, GEORGE<sup>29</sup>, p.40, avaliou que:

"(. . .) é possível distinguir alguns grandes temas que constituem permanentes preocupações para administrações e organizações de estudo de planificação espacial e geográfica: A organização do espaço agrícola, o aproveitamento das águas correntes, para fins variados, a hierarquização do espaço de relações através do sistema de transportes e a circulação (no sentido mais amplo do termo; incluindo principalmente a circulação de idéias, de ordens e de capitais), atingindo a noção de espaço polarizado, a organização do espaço urbano ou de áreas metropolitanas, a do espaço de lazer que é um corolário da urbanização".

Acrescente-se às questões acima, nos últimos anos, o enfoque sob o prisma emergente da questão ecológica.

## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO AGRÍCOLA

Modernamente o estudo da organização do espaço agrícola vem-se constituindo, cada vez mais, como um dos temas mais urgentes, porque sua ocupação ordenada é de vital importância para a humanidade. Notadamente, por dele prover alimen-

3. LACOUSI, Yves - Les écologistes, les géographes et les "écologes". Hérodote. n. 26, p. 3-22.

tos e matérias-primas que contribuem para assegurar sua sobrevivência e desenvolvimento, em especial, a partir de sua crescente urbanização. Ademais, nas sociedades modernas, o avanço do processo de industrialização da agricultura, com todo seu corolário, constitui-se numa questão de urgente investigação, face às transformações que provoca na organização do espaço rural.

No processo de organização do espaço e por extensão do espaço agrícola em particular, o grupo humano que o ocupa deve ter consciência de ser o depositário e o responsável por um patrimônio que deverá utilizar para atender e garantir, da melhor maneira possível, sua reprodução e desenvolvimento como sociedade, sem esquecer de sua responsabilidade de conservá-lo e prepará-lo, de modo a garantir a sobrevivência futura, bem como, a reprodução e desenvolvimento do grupo (DOLLFUS<sup>26</sup>, p.120).

Na conceituação de GEORGE<sup>31</sup>, p.23, durante o transcorrer do desenvolvimento histórico da ocupação e organização do território, a primeira etapa foi a que corresponde à organização do espaço agrícola. Isto sugere que, primeiramente, o homem procurou garantir a manutenção de suas necessidades fundamentais, a fim de assegurar a reprodução e conseqüente desenvolvimento do grupo, e só posteriormente é que se sucederam as outras formas de organização do espaço.

Sobre este aspecto, a posição de ISNARD<sup>37</sup>, p.35, 49, é semelhante ao considerar que:

“Com a descoberta da agricultura e da criação de gado o Neolítico abre a era da organização do espaço pela ação humana, organização que se estenderá pouco a pouco, a quase totalidade do planeta... O ordenamento do espaço começa com a agricultura que se observa nas pequenas comunidades”.

Prosseguindo, considera que a organização do espaço pela sociedade deve sempre supor um objetivo a atingir. Resulta da execução de um projeto concebido para atingir um fim previamente fixado. Constitui-se numa obra elaborada ao longo da história. Nas origens do seu ordenamento existe a vontade de realizar um projeto de vida (ISNARD<sup>37</sup>, p.36, 50, 57).

Na descrição de BOSERUP<sup>11</sup>, p.82, observa-se que as primeiras articulações de organização do espaço agrícola - mudança dos sistemas de cultivo - é que possibilitaram o início da organização social sobre o território.

Na perspectiva histórica do processo de organização do espaço, foi com a agricultura e a fixação dos homens que o ordenamento do espaço se impõe, e que começa a vasta empresa de adaptação do planeta ao seu projeto (ISNARD<sup>37</sup>, p.134).

No processo dinâmico da organização do espaço agrícola, suas readaptações “com a técnica e a economia podem implicar em modificações da superfície e da localização do espaço dedicado à agricultura e à pecuária” (GEORGE<sup>30</sup>, p.42).

Com respeito à organização do espaço rural, na perspectiva histórica da paisagem, frente à introdução de novos cultivos, VALVERDE<sup>51</sup>, p.66, 68, observou que:

“a cultura de um produto que desapareceu vai influir sobre a de um outro que a sucede... Muitas vezes a simples introdução de uma nova cultura sofre a influência de outra que já era praticada a mais tempo no mesmo lugar, sem que esta desapareça necessariamente. Isto é muito comum em países novos como o Brasil, em que a economia de especulação gera tipos dinâmicos de paisagens”.

Além disso, para Faucher<sup>4</sup> (apud VALVERDE<sup>51</sup>, p.69), “a adoção de um novo sistema agrícola está condicionada à introdução de uma nova espécie cultivada”. Sem dúvida, o novo sistema implicará em modificações na organização do espaço.

Por sua vez, GEORGE<sup>31</sup>, p.58, considera que:

“a noção de paisagem rural é uma primeira abordagem sintética e concreta da organização do espaço geográfico por diferentes formas de sociedade e em certas conjunturas econômicas. Descritiva antes de ser explicativa, ela nos dá conta da marca cumulativa da ação das sociedades rurais sobre o seu solo”.

Não obstante, o geógrafo não pode desprezar de modo algum as influências econômicas na interpretação da paisagem (VALVERDE<sup>51</sup>, p.70).

Complementando, WAIBEL<sup>53</sup>, p.6, 7, alertou sobre as dificuldades em se compreender a organização do espaço rural, afirmando que:

“Não é suficiente fazer-se uma ‘anatomia’ da paisagem: é preciso também compreender sua ‘fisiologia’. Isto é, não basta descrevê-la; é necessário interpretá-la, compreender como funciona cada um dos elementos que nela se refletem”.

Certamente, a compreensão da ordem no espaço geográfico só se pode conseguir através da análise de todas as peças componentes de uma organização espacial, em suas múltiplas relações. Estas combinadas contribuem para dar origem a uma situação, isto é, uma unidade na diversidade, devido às combinações produzidas pelos diversos aspectos fragmentários que compõem a realidade concreta em toda sua complexidade, síntese de múltiplas determinações.

A projeção desta realidade no futuro exige o planejamento da ação territorial. A possibilidade concreta de um planejamento ordenado, racional, encontra seu caminho na análise regional. Esta fornece os subsídios ao planejamento.

Assim, no contexto da organização do espaço, a análise regional revela-se não só útil, como também necessária e urgente às sociedades atuais, com vistas a projeção do seu futuro na utilização do espaço.

A esse respeito, ABLER, ADAMS e GOULD<sup>1</sup>, p.28, perceberam com objetividade o papel que a sociedade espera dos geógrafos face os desafios colocados pela realidade.

“Espera-se que os geógrafos retifiquem as incongruências espaciais existentes e que tomem ações preventivas contra possíveis incompatibilidades espaciais no futuro. Nós queremos cientistas para nos prevenir de experimentar eventos desagradáveis e para estruturar o futuro de forma a experimentar eventos agradáveis na maior quantidade possível”.

Enfim, acerca desta realidade, é oportuno a observação de DENIS<sup>23</sup>, p.9: “Os geógrafos devem converter-se nos engenheiros do espaço geográfico e nos gerentes da ordem espacial nas atividades sócio-econômicas”.

Do conteúdo das considerações expostas, evidencia-se a importância que o estudo da organização do espaço, como objeto dominante, vem adquirindo, de forma envolvente, no contexto da Geografia Contemporânea.

4. FAUCHER, D. “Reflexions sur la méthode em géographie agraire”. Rev. de Géographie Régional. (Les Études Rhodanienses), n. 1-2, p. 87-92, 1946.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <sup>1</sup> – ABLER, R.; ADAMS, J. S.; GOULD, P. *Spatial (Organization. The Geographer's View of the World*. London, Prentice-Hall International Inc., 1972, 587p.
- <sup>2</sup> – ANDRADE, Manuel C. de *Geografia Econômica*. 7ª ed., São Paulo, Atlas, 1981, 288p.
- <sup>3</sup> – ----. *Geografia - Ciência da Sociedade. Uma Introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo, Atlas, 1987.
- <sup>4</sup> – ----. *Caminhos e Descaminhos da Geografia*. Campinas, Papirus, 1989, 88p.
- <sup>5</sup> – AZEVEDO, Aroldo de. *O Mundo Antigo*. São Paulo, DESA/Editora da Universidade de São Paulo, 1965, 173p. (Coleção Buriti).
- <sup>6</sup> – BALLESTEROS, Aurora G. *Teoría y Práctica de la Geografía*. Madrid, Alhambra Universidad, 1986, p.372.
- <sup>7</sup> – BASSAND, Miguel. Algumas Observações para uma Abordagem Interdisciplinar do Espaço. In SANTOS, M. e SOUZA, M.A. de, *O Espaço Interdisciplinar*. São Paulo, Nobel, 1986, p. 133-139.
- <sup>8</sup> – BAULIG, Henri. Es una Ciencia la Geografía? In MENDOZA, J. G. et al. *El Pensamiento Geográfico*. Madrid, Alianza Editorial, 1982, p.303-310.
- <sup>9</sup> – BERRY, B.J.L. Abordagens à Análise Regional: uma síntese. In: ---- e BAKER, A.M. *Análise Espacial*. Rio de Janeiro, I.P.G.H., 1969, p.18-34 (Textos Básicos).
- <sup>10</sup> – BETTANINI, Tonino. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 157p.
- <sup>11</sup> – BOSERUP, Ester. *Evolução Agrária e Pressão Demográfica*. São Paulo, HUCITEC/POLIS, 1987, 141p.
- <sup>12</sup> – BROEK, Jan O.M. *Iniciação ao Estudo da Geografia*. 2ª ed., São Paulo, Zahar Editores, 1972, 155p.
- <sup>13</sup> – CHOLLEY, André. *Guide de l'étudiant de géographie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1951, 231p.
- <sup>14</sup> – CHRISTALLER, W. *Central Places in Southern Germany*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall Inc., 1966, 230p.
- <sup>15</sup> – CHRISTOFOLETTI, Antonio. As Perspectivas do Estudo Geográfico. In: ----. *Perspectivas da geografia*. São Paulo, Difel, 1982, p.11-36.
- <sup>16</sup> – ----. Definição e Objeto da Geografia. *Rev. Geografia*. Rio Claro, v. 8, nº 15/16, out. de 1983, p.1-28.
- <sup>17</sup> – ----. A Significância da Teoria de Sistemas em Geografia Física. *Boletim de Geografia Teórica*. Rio Claro, v. 16 e 17, nº 31-34, 1986-1987, p.119-128 (I Encontro de Geografia da América Latina).
- <sup>18</sup> – CLAVAL, Paul. *O Que é a Geografia*. Boletim Geográfico. Rio de Janeiro, nº 228, 1972, p.100-107.
- <sup>19</sup> – ----. *Evolución de la Geografía Humana*. Barcelona, Oikos Tau, S.A. ediciones, 1974, 240p.

- 20 – CLAVAL, Paul. *A Nova Geografia*. Coimbra, Almedina, 1978, 158p.
- 21 – CORRÊA, Roberto L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo, Ática, 1986, 93p. (Série Princípios).
- 22 – ----. O Enfoque Locacional na Geografia. *Revista Terra Livre*. São Paulo, a. 1, nº 1, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1986, p.62-66.
- 23 – DENIS, P.Y. La Geografía Actual: orientación y aplicación. *Boletim de Geografia Teorética*. Rio Claro, v. 12 (23/24): 5-9, 1972.
- 24 – DERRUAU, Max. A Organização do Espaço. In ---- *Geografia Humana II*. Lisboa, Editorial Presença Ltda, p.279-286, 1973.
- 25 – DICKISON, R.E. The Metropolitan Regions of the United States. *Geographical Review*, New York, nº 24, p.278-291, 1934.
- 26 – DOLLFUS, Olivier. *O Espaço Geográfico*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972, 121p.
- 27 – DRESCH, Jean. Reflexões sobre a Geografia. In *Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, p.5-26, 1980.
- 28 – GERARDI, Lúcia H. de O. e SILVA, Christine N. *Quantificação em Geografia*. São Paulo, Difel, 1981, 161p.
- 29 – GEORGE, Pierre. *Conferências no Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE, 1970, 76p.
- 30 – ----. *A Ação do Homem*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973, 211p.
- 31 – ----. Problemas, Doutrinas e Métodos. In ---- et al, *A Geografia Ativa*. 3. ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, p.9-40, 1973.
- 32 – GUGLIELMO, Raymond, *Geografia e Dialética*. In *Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, p.27-51, 1980.
- 33 – GUIGOU, Jean L. A Terra e o Espaço Enigma para os Economistas. In SANTOS, M. e SOUZA, M.A. de. *O Espaço Interdisciplinar*. São Paulo, Nobel, p.105-132, 1986.
- 34 – HARTSHORNE, Richard. *Questões sobre a Natureza da Geografia*. Rio de Janeiro, I.P.G.H., Comissão de Geografia, 1969, 260p. (Textos Básicos 4).
- 35 – ISARD, W. *Location and Space Economy*. Cambridge (Mass.), MIT Press, 1956, p.350.
- 36 – ----. *Methods of Regional Analysis*. Cambridge (Mass.), MIT Press, 1960, 784p.
- 37 – ISNARD, Hildebert. *O Espaço Geográfico*. Coimbra, Almedina, 1982, 257p.
- 38 – KAYSER, Bernard. A Região como Objeto de Estudo da Geografia. In GEORGE, P. et al. *A Geografia Ativa*. 3. ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, p.279-321, 1973.
- 39 – KNELLER, G.F. *A Ciência como Atividade Humana*. Rio de Janeiro, Zahar/EDUSP, 1980, 310p.
- 40 – LABASSE, Jean. *La Organización del Espacio (Elementos de Geografía Aplicada)*. Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1973, 605p.

- 41 - LOSCH, A. The nature of economic regions. *The Southern Economic Journal*, Chapel Hill, n.º 5, p.71-78, 1938.
- 42 - ----. *The Economics of Location*. Yale, Yale University Press, 1954, 520p.
- 43 - MORAES, Antonio C.R. *Geografia - Pequena História Crítica*. São Paulo, HUCITEC, 1981, 138p.
- 44 - MORO, Dalton A. *Substituição de Culturas e Transformações na Organização do Espaço Rural do Município de Maringá*. Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de Geografia da Universidade de São Paulo, 1980, 168p.
- 45 - PATTISON, Willian D. As Quatro Tradições da Geografia. *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, a. XXVII, 131-142, 1976 (Metodologia em Geografia - 1).
- 46 - SANTOS, Milton. *Por uma Nova Geografia*. São Paulo, HUCITEC/Universidade de São Paulo, 1978, p.236.
- 47 - ----. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo, HUCITEC/1988, 124 p.
- 48 - SCHAEFER, Fred K. O Excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, a. XXVII, 9-49, 1976 (Metodologia em Geografia - 1).
- 49 - SENDRA, Joaquín B. La Evolución de la Geografía Teórica y Cuantitativa. In BALLESTEROS, A.G., *Teoría y Práctica de la Geografía*. Madrid, Alhambra Universidad, p.44-62, 1986.
- 50 - TAAFFE, E. A Visão Espacial em Conjunto. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, 34(247): 5-27, out./dez., 1975.
- 51 - VALDERDE, Orlando. Metodologia da Geografia Agrária. In *Reflexões sobre a Geografia*. São Paulo, Associação de Geógrafos Brasileiros, p.53-80, 1980.
- 52 - VINUESA, Miguel A.T. Geografía y ordenación del território. In BALLESTEROS, A.G. *Teoría y Práctica de la Geografía*. Madrid, Alhambra Universidad, p.213-222, 1986.
- 53 - WAIBEL, Leo. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro, IBGE, 1958, 326p.
- 54 - WEBER, A. *Über den Standort der Industrien*. Tübingen, 1909, 246p.
- 55 - WHITTLESEY, Derwent. O Conceito Regional e o Método Regional. *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, 18(154): 5-36, jan./fev. de 1960.

#### A IMPORTÂNCIA DA AGRICULTURA

Importância para a economia do país, especialmente no setor agrícola, devido à produção de alimentos e matérias-primas para a indústria. A agricultura é a base da produção de uma série de bens essenciais para a população, incluindo alimentos e matérias-primas para a indústria.

Docente de curso de Geografia em Goiás  
 Universidade